

Práticas comunicativas e representações do urbano por jovens de contextos rurais brasileiros

Ricardo Duarte Gomes da Silva

Resumo

Este texto tem o objetivo de apresentar de que maneira as práticas comunicativas dos jovens de contextos pobres do rural brasileiro configuraram em diferentes regiões um modo de lidar com a representação da cidade, considerando os universos urbanos que lhe servem de referência. Observando a literatura sobre migrações internas, poucos foram os avanços em relação a uma perspectiva cultural e simbólica envolvida no tema da migração rural-urbana, bem como dessas práticas comunicativas na constituição da noção de cidade. Utilizando noções de circulação e mediação, procura-se demonstrar que, ao longo de décadas, as práticas comunicativas fomentaram representações da cidade. Apresentamos relatos colhidos em tempo e espaço diferentes, que nos mostram as falas de jovens rurais do passado e do presente. Identificando a necessidade de pesquisas que compreendam como as narrativas das mídias de massa e online estimulam a representação da cidade entre os jovens no rural, em especial a cidade vista ao vivo e em tempo real pelo vídeo.

Palavras-chave: Representação. Mediação. Prática Comunicativa. Jovens Rurais.

Introdução

As migrações do tipo rural-urbana são o núcleo de grande parte das teorias econômicas e sociológicas que serviram de referência nos anos de 1960 e 1970. Entre as sociológicas, as teorias destacaram a importância dos meios de massa para a migração e o contato das economias rural e urbana, que proporcionaria ampla mudança cultural (GERMANI, 1970) e, no caso brasileiro, ressaltaram a importância do grupo de relações primárias articulado em uma rede de interações sociais que colaborava com a inserção do migrante na vida urbana (DURHAN, 1973). Essas teorias clássicas predominaram sobre uma perspectiva cultural e simbólica também envolvida na atividade da migração à cidade. Também não se desenvolveram estudos sobre as mediações nas práticas comunicativas presentes e influentes nesta rede de interações sociais entre o jovem rural e os familiares na cidade.

No último decênio, com o crescimento das telecomunicações e da eletrificação rural, esta ampla rede de interação passou a ser atravessada pelos estímulos das mídias de massa e *online*. A representação da cidade pôde ser vista sendo fundamentada de modo significativo pelo conjunto de uma cultura ampliada dessas redes associada à influência das mídias. Este aspecto se associa a esta perspectiva cultural e simbólica da migração do rural para o urbano, pois são importantes para retratarem a maneira como os jovens dos contextos rurais pobres no Brasil têm lidado com essa força simbólica da representação da cidade em suas localidades.

Este texto traz trechos de conversas com jovens de diferentes contextos pobres do rural brasileiro, do sertão pernambucano e do sudeste mineiro. Tem o objetivo de mostrar como se delineiam essas práticas comunicativas em diferentes regiões e a maneira como atuaram, ao longo dos tempos, na constituição da ideia de cidade.

Aspectos sobre as migrações rural-urbana

O desenvolvimento das cidades produziu reações dos habitantes do campo, pois a beleza rural contrastava com a deterioração e a poluição na cidade. No século XVI, a cidade de Londres tornou-se a primeira no mundo a alcançar uma população de cidade moderna superior à rural e começava a ser representada na literatura em sua “obscuridade labiríntica” e com um “lúgubre fascínio”, chamada tanto nas obras literárias como nos estudos sociais de *darkest London*, que remete a um sentido de escuridão e pobreza (WILLIAMS, 1989). A “escuridão” das cidades modernas era representada pelas indústrias a carvão, situadas junto aos currais e às casas dos operários, com transporte animal que sujava as ruas da cidade.

Na época cresceu uma crítica vigorosa sobre a modernidade, a industrialização e o capitalismo. Em poemas bucólicos eram comuns as oposições entre plantações, rios, animais e fábricas, oficinas e indústrias. Houve um “radicalismo rural-intelectual” que negou a cidade e se mostrou apegado às tradições do campo. A transição da sociedade rural para a industrial foi encarada como

a decadência da sociedade orgânica ou natural (WILLIAMS, 1989). Assim, a noção de cidade nascia na Europa como uma depreciação da vida quando comparada ao rural. Mas, em outra fase, a cidade também passou a ser representada como o lugar do centro do saber, do *glamour* e das realizações:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto forma de vida fundamental, remonta à Antiguidade clássica (WILLIAMS, 1989, p.11).

No Brasil, entre 1900 e 1940, várias localidades urbanas foram objeto de intervenções, de planos e projetos de renovação no sentido da urbanização do “modelo francês” de modernização das cidades (RIBEIRO; PECHMAN, 1996). Na fase pré-1940 existiu no país apenas a irradiação de um novo gênero de vida da cidade. Só após esta data oficializou-se a urbanização e industrialização brasileira (QUEIROZ, 1978). O estilo de vida das cidades começou, então, efetivamente, a ser compartilhado a partir das experiências dos sujeitos que transitavam entre a cidade e o campo.

Não se trata verdadeiramente de urbanização [a fase pré-1940], pois esta se liga intimamente à industrialização, e sim de difusão cultural de um gênero de vida, o gênero de vida burguês ocidental que é eminentemente citadino. Preferimos, por isso, até o verdadeiro início da industrialização brasileira, por volta de 1940, falar em “estilo de vida citadino burguês” e não em urbanização (QUEIROZ, 1978, p.55).

Este estilo de vida burguês citadino que circulava pelas regiões urbanas e rurais começou a constituir a representação da cidade como lugar de “prosperidade” e de “melhoria de vida”, enquanto o rural, aos poucos, foi sendo visto como “lugar do atraso”. Principalmente na segunda metade do século XX, com as intervenções urbanísticas mais significativas: a construção de Brasília (uma grande urbanização do remoto espaço rural) e o crescimento da cidade São Paulo. O projeto de estímulo às migrações internas em direção aos polos do desenvolvimento urbano moderno fez com que nos anos 1960-70 a população urbana superasse a rural.

No entanto, o projeto moderno das cidades do final do século XX que se desenvolveu de maneira massificada, tentando assegurar consenso e coesão, apoiou-se em uma concepção imatura de crítica e autocrítica da modernidade citadina (LEFEBVRE, 1991; MARTINS, 2000), já que o urbano como “centro das realizações” não se completava para os migrantes, excluídos deste centro e conduzidos às periferias urbanas.

[a cidade] É o anúncio do possível, embora não se realize; é a mistificação desmistificadora das grandes possibilidades de mudança humana e social que o capitalismo inventou, mas não é capaz de realizar; é a imposição instauradora na consciência coletiva de cada grupo humano de todo o catálogo de concepções e alternativas de vida, disponíveis no mercado globalizado; é o anúncio de coisas possíveis em um mundo possível, mas que não contém nenhum item, nesse mercado, que diga como conseguir tais recursos (MARTINS, 2000, p.20).

Após esta primeira fase das migrações rural-urbano, que considerava a migração positiva e necessária para o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade moderna, a cidade já não precisava de tanta mão de obra e os migrantes perceberam uma inclusão social e econômica incompleta, uma vida cidadina incerta. Mesmo após o arrefecimento das intensas migrações, essa cultura da migração e o fascínio pela cidade ainda continuam até os dias de hoje. Já não se migra estimulado por um projeto moderno, mas sim pela presença e influência da tradição de migrar e pelo símbolo que a cidade representa, legitimados entre os jovens migrantes.

Para administrar o que não se compreendia – a cidade imaginada –, os jovens do campo e da cidade desenvolveram práticas comunicativas para diminuir o estranhamento em relação ao mundo além das cercanias rurais. Dispositivos de interação, como cartas e telefonemas, juntaram-se aos meios massivos e, hoje, as mídias *online*, no processo estratégico de se informar sobre o lugar de destino antes da atividade da migração.

A cidade ainda diz algo de importante ao rural

No período anterior a 1980, as imagens e narrativas da cidade chegavam no meio rural pelas cartas, pelos telefonemas e pelo contato presencial do migrante mensageiro que trazia as cartas e estabelecia-se no rural como um narrador experiente que viveu o mundo urbano. Após 1980, houve um crescimento dos meios massivos, em especial a televisão, nos lares das famílias, colaborando com estímulos à conversação sobre a vida urbana vista na tela. Com as redes sociais *online* esta rede de interações se ampliou ainda mais, ajudando o jovem a administrar a atividade de migração.

Na tradição cultural da migração para a cidade, o migrante não se dirige tanto à cidade em si, mas quase sempre ao “símbolo da cidade” (no sentido do que diz Baczko, 1985). Por vezes a cidade se torna um lugar devidamente ajustado às necessidades imediatas e aos conflitos sociais (BACZKO, 1985) dos jovens rurais, mas onde seria possível também controlar e orientar suas condutas na vida e relações de comunicação (JODELET, 1989, In: SPINK, 1995).

Na relação entre quem migrou para o urbano e aqueles que ficaram no rural há exercícios de controle e orientação de condutas na atividade da migração, que produzem descrições sobre a cidade, de seus traços culturais e quadros de sentidos. Essa materialidade da cidade nas imagens e nos textos agiu sobre a

percepção desses jovens no rural, pois dizem algo importante a eles. Em cada época as representações da cidade ganham feições próprias e espelham diferentes vivências, sendo lembradas na memória.

As práticas que estão na base dos dizeres sobre a cidade

O gênero de vida urbano produziu uma hegemonia dos traços culturais e referências sociais legitimadas por conta de dois processos: um de “circulação” de informações significativas entre dispositivos de interação (ontem, cartas e telefonemas; hoje, redes sociais); e outro de “reverberação” dessas informações – e de outras circulantes pelos meios massivos – nos espaços de sociabilidade (escola, família, vizinhança). A circulação seria uma atividade do sujeito de produzir e comentar as mensagens dentro do dispositivo de interação (FAUSTO NETO, 2010), enquanto a reverberação uma atividade de conversação e comentários informais sobre os conteúdos circulantes nas mídias de massa e *online*. As materialidades da cidade - fotografias e textos das cartas; o outro que chama a atenção; as gírias pelo telefone; as imagens e textos diversos pelas redes sociais - são compartilhadas e estimulam a descrição de um jeito de ser e uma vida cidadina.

O circulante e o reverberante são processos sociais parceiros das “mediações” que produzem, organizam e estabelecem o sentido da experiência comunicativa dos sujeitos. Os dispositivos interacionais e massivos participaram, enquanto mediadores, na história e no cotidiano de comunicação desses jovens, norteados interpretações sobre a cidade e práticas de conversação.

A observação dos processos sociais de apropriação dos produtos das mídias foi sugerida por Martin-Barbero (1987) que apontou as mediações como espaços de onde surgem as constituições que delineiam a materialidade social e a expressividade cultural dos produtos. Para o autor, as mediações podem se delinear na experiência cotidiana, em escalas de diferentes tempos e nos processos cognitivos das pessoas.

Em tempos distintos, as mediações permitiram aos jovens do campo e da cidade uma ideia conjunta da cidade, apoiando-se em uma coparticipação que constitui a representação. Isto porque: “Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’, e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação [...]. Por isto, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa” (FREIRE, 1982, p.66-67).

Se, como diz França (2004), a comunicação seria um processo em que representações são produzidas, trocadas, atualizadas no ambiente das relações, “esse processo em que sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo” (FRANÇA, 2004, p.23), pretendemos, neste texto, olhar para essas comunicações fomentadas pelos jovens, que estariam na base dos dizeres sobre a cidade e dizem sobre como esses sujeitos lidam com a representação do urbano.

Estudos de casos

As pesquisas foram realizadas junto a grupos juvenis de duas localidades rurais diferentes: oito idosos ex-migrantes com idade média de 70 anos e oito jovens do ensino médio de uma escola rural, moradores do distrito de São Domingos, município de Buíque, sertão pernambucano; treze jovens do ensino médio de uma escola rural da comunidade de Ana Rita, município de São Miguel do Anta, na zona da mata mineira.

Os estudos com os grupos pesquisados em Pernambuco e Minas Gerais ocorreram em tempos diferentes, contudo, o que caracterizaria os entrevistados como um grupo social específico seria: tanto idosos como jovens pertencem a uma mesma classe social, a de filhos de pequenos agricultores familiares em suas regiões; as escolas rurais do distrito pernambucano e da comunidade mineira estão situadas em lugares de difícil acesso por estrada de terra, com um entorno nitidamente pobre, distantes em média 15 quilômetros de suas sedes municipais. Mesmo considerando as diferenças de espaço e de tempo¹, nos dois casos os jovens só tinham acesso à informação pelo celular sem sinal de internet; as escolas possuíam telecentros (só a escola mineira com acesso à internet); e a televisão ainda era tida como a mídia preferencial. Os casos em seu conjunto apresentam uma ideia do grupo social e as semelhanças do modo como lidam com o símbolo da cidade, do urbano.

Utilizamos dois métodos para coleta de dados: entrevistas individuais em profundidade e grupos de discussão². Os jovens não tinham a experiência de uma cidade de médio e grande porte, enquanto os idosos falam sobre, com base em suas experiências de migração para as cidades da região metropolitana de São Paulo nos anos de 1960 e 1970³.

O universo urbano paulista, anos 1960-70: representações de ex-migrantes

Na segunda metade do século XX, o universo urbano das cidades da região metropolitana de São Paulo se constituiu como o lugar de prosperidade, da melhoria de vida, do emprego, da renda, dos lazeres variados e da continuidade dos estudos para os jovens de diferentes contextos rurais pobres brasileiros, sobretudo nordestinos. Este desejo pela cidade continua, sob outros aspectos,

1 Há, de fato, peculiaridades em cada caso. Todavia, interessante observar que, independente das diferenças de espaço e tempo em que foram realizadas as pesquisas, existem semelhanças que dizem sobre o grupo social juvenil em específico, ao longo do tempo e em sua relação com as cidades que lhe servem de referência. Mostra como o grupo juvenil pensa a cidade ontem e hoje.

2 As entrevistas com os idosos e com os jovens pernambucanos estão registradas em Silva (2002), o grupo de discussão com os jovens mineiros em Silva (2014). Especialmente sobre o método do grupo de discussão utilizado, confira em Silva (2017).

3 Nas entrevistas com idosos e jovens pernambucanos todos se referiam às cidades da região metropolitana de São Paulo, mais especialmente cidades de aglomerações de nordestinos, tais como Votorantim, Osasco, Diadema, Ferraz de Vasconcelos e Franco da Rocha. Os jovens mineiros já citam cidades que denotam outro universo urbano, onde se inserem capitais de Estados e cidades polos de desenvolvimento industrial e de serviços (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ubá, Viçosa, Muriaé).

como mostram os depoimentos, a seguir, dados por idosos, com idade média de 70 anos, moradores do distrito rural de São Domingos, município de Buíque-PE:

Pra mim São Paulo é uma cidade com duas fases distinta. Na época que eu fui foi uma maravilha, mas agora pelo que eu vejo pela televisão tudo em São Paulo é uma desgraça... Só se vê roubo, criminalidade... (depoimento do senhor Nadilson. In: Silva 2002, p.70).

Ah, isso era o sonho dos jovens de ir pra São Paulo... As moças, as mulheres a fim de um bom partido. E a ilusão de ir pra São Paulo era que tinha muitos nordestinos, mais oportunidades... (depoimento da senhora Iolanda. In: Silva, 2002, p.74).

Aqui o camarada num se tinha como esperar mais nada, ele num tinha nem noção de futuro! São Paulo era o presente...! Era pelo que aparecesse, de acordo também com seu grau de estudo, de conhecimento... Não se fazia previsão do que ia acontecer, era o que der e vier... Era pela prosperidade porque era novidade. Uma terra nova, onde se vê muita coisa... A comida era diferente, as coisa era mais barata, a vidazinha popular, um regime nordestino de se viver... (depoimento do senhor Simplício. In: Silva, 2002, p.75, 83).

Observa-se na representação desses lugares urbanos duas fases distintas: uma de prosperidade (a “terra do futuro”, o lugar do sonho de casamento, de emprego, do imprevisível e da novidade); e outra fase de violência urbana. Aqui já podemos observar o lugar na cidade que eles representam: lugar da “vidazinha popular”, de “um regime nordestino de se viver”.

Aos poucos as comunicações dos migrantes nestes lugares populares da cidade com os jovens rurais foram se constituindo. Interessante observar que alguns jovens serviam como mensageiros deste novo mundo urbano (pelo jeito de ser, por aquilo que traziam nas malas de viagem):

Receber visita era coisa rara. Carta dificilmente. Às vezes tinha um que dizia: Ah, fulano mandou carta de São Paulo, recebeu carta de parente... Mas se falava muito de lá...ah, quando se dizia que ia pra São Paulo, aí já se achava que todo mundo ia. Tinha que enricar, ficar numa boa, né? Ficava difícil da gente ter notícia aí a gente achava que tudo era verdade, mas as vezes nem tudo era verdade, né? A gente não via, não tinha como vê, televisão não havia, por que naquela época energia era muito difícil... (depoimento da senhora Iolanda. In: Silva 2002, p.71).

Naquela época era por carta, ninguém telefonava, não. Era na base da carta. (depoimento do senhor José Carboreto. In: Silva 2002, p.83).

Sempre me comunicava por carta. Ou então mandava notícia por alguém que vinha pra cá (depoimento do senhor Nadilson. In: Silva 2002, p.83).

Eu trazia uma mala cheia de carta, pra tudo o que era conhecido da região. Num mandava somente por mim, não, qualquer um que chegasse por aqueles sítio trazia as malas cheia de carta. E presente pra um, pra outro... Camisa, dinheiro, objetos... Às vezes você trazia uma mala cheia de presente pros outro. Quando a gente chegava a casa enchia de gente pra conversar e saber das família. (depoimento do senhor Agenor. In: Silva 2002, p.85).

Podemos dizer que esses mensageiros eram os narradores experientes que contavam histórias do mundo urbano. Começavam a voltar para o rural aparentando “bem de vida” e “falando melhor” influenciando a migração.

Eu tinha vontade de sair daquela vida de roça. Eu tinha vontade, vontade, vontade. Via os amigo que iam embora e, com um certo tempo eles vinham tudo bem arrumado, falava melhor...(...). Aí aquilo me dava a vontade de conhecer, saber como era. (depoimento do senhor Agenor. In: Silva 2002, p.78).

Era isso que atraía mais a gente. Aqueles prédio muito alto também chamava muito a atenção, a turma batia foto e mandava pra família, tirava foto das ruas, dos prédio e mandava. Aí era isso que incentivava mais o povo, né? Ficavam dizendo: queria ir embora pra lá... isso é que é lugar bonito, né? (depoimento do senhor Valdeci. In: Silva 2002, p.86).

A vontade de ir veio das cartas, das história que o povo que vivia lá, a parentela. Quem morava lá e a parente ficava aqui, então se comunicava por carta (...). O pessoal dizia que queria ter conhecimento dessa cidade que tem um bem de vida melhor e com isso tinha a comunicação dos que estão lá com saudade, dos que ficaram... (depoimento do senhor Simplício. In: Silva 2002, p.86).

Representações de São Paulo entre jovens rurais pernambucanos

A partir da última década se intensificaram expansões da eletrificação rural em algumas localidades. Isto colaborou com a consolidação das mídias de massa, em especial a televisão que se consolidou como mídia preferencial nos lares rurais. Mas antigas práticas continuaram presentes, como os telefonemas constantes com os parentes na cidade. A melhoria das estradas e a periodicidade das viagens dos ônibus ajudaram no contato do migrante com os jovens no campo. Na televisão, programas populares como *Aqui, Agora, Brasil Urgente*

e *Cidade Alerta* mostravam a vida urbana ao vivo (enchentes, engarrafamentos, violência). Contudo, mesmo em um tempo de maior circulação de informação sobre o mundo urbano, observamos ainda entre os jovens o desejo por migrar. Os depoimentos, a seguir, foram dados pelos jovens de uma escola rural do distrito rural de São Domingos, município de Buíque-PE:

Eu sempre tive vontade de ir em São Paulo. Nasci com essa vontade e vou ir se Deus quiser. A gente quando nasce e vai crescendo, já sente vontade de alguma coisa. Toda a vida tenho um sonho (...). Sempre telefone e mando cartas também (...). Algumas pessoas por telefone, outras eu me comunico por cartas. São Paulo é muito bom, é um lugar onde as pessoas ganham dinheiro, mas é um pouco violento, mas que é bom. (depoimento da jovem Cláudia. In: Silva 2002, p.127-128).

Apesar de hoje o uso do celular e das redes sociais ser mais intenso que o costume do passado das conversas por cartas e telefonemas, os mensageiros de notícias do mundo urbano ainda são influentes no rural. Observamos que essas informações do urbano são estratégicas para a decisão do jovem de migrar para a cidade:

O telefone, porque é um meio de comunicação que é mais utilizado hoje, no meu ponto de vista, e você se sente mais a vontade... e as vezes você tem muita coisa pra falar, e copiar demora demais. Quando as notícias não são tão boas, se diz: mas rapaz lá tá muito ruim, muito desemprego... Aí a gente fica um pouco assustado de sair daqui e ir pra lá, com medo do desemprego... Quando se fala que lá é muito bom, tem emprego, a gente tem a ansiedade de poder conhecer. Quando chega alguém de São Paulo aqui a gente sempre se reúne. Aí se pergunta como é que foi lá, você gostou? Aí sempre se fala lá é muito bom, gostei, tem emprego, trabalho lá é bom... Aí a gente fica sempre com aquela ansiedade de um dia poder ir conhecer, né? (depoimento do jovem Jobson. In: Silva 2002, p.131-132).

Mas eu também quero ir pra conhecer. Todos falam que lá é bom, meu primo mermo fala que é muito bom, que eu vou gostar. Ele escrevia sobre a situação daqui, eles falavam sobre a situação de lá. Mas o que influencia mais hoje é o telefone. Mas na carta eles falavam que lá era muito bom... Geralmente as cartas eram escritas pra minha avó e sempre quem lia e escrevia pra ela era eu. Mas na televisão a gente vê lá como é. É mais o *Cidade Alerta*, que mostra a realidade, tem as novelas, tem o *Jornal Nacional*... É por aí que vejo como é que tá São Paulo. Se é realidade eu não sei, né, porque eu ainda não fui lá pra saber, mas o *Cidade Alerta* dizem que é verdade, né, o que mostram (depoimento da jovem Jaqueline. In: Silva 2002, p.135-136).

Eu conheci mais São Paulo através da televisão, porque a gente assiste jornal, essas coisa, e vive falando que é um lugar bom... um lugar bom se a gente souber viver, né, aliás em todo o canto. Lá tem mais um pouco de violência, acho porque lá tem mais gente, mais habitante do que aqui [...]. A gente sempre se comunica por carta, por telefone. As carta vem pra minha mãe, aí eu leio as vezes, as vezes eles lê, porque eles também sabem ler. (depoimento do jovem Valmério. In: Silva 2002, p.138-139).

Eu telefono sempre pra os meus amigos, mas carta não. A gente fala mais por telefone (depoimento da jovem Dayana. In: Silva 2002, p.140).

Eu queria conhecer (São Paulo), sempre ouvia falar e eu tinha curiosidade. Eu sempre pensava comigo mesmo: uns falam que é ilusão outros falam por propósito de trabalho, mas eu pensava sempre: Não, mas eu quero conhecer, quero ver como é a realidade realmente de São Paulo. O que realmente a cidade dá pra gente, qual o propósito que nos favorece. (depoimento do jovem Antonio. In: Silva 2002, p.148).

Representações do universo urbano entre jovens rurais mineiros

Entre os jovens mineiros, o urbano que serve de referência pode conter as cidades da região metropolitana de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, mas também as médias cidades que concentram um desenvolvimento industrial e de serviços na região. Sempre comparando o rural com o urbano, a cidade se posiciona como lugar da independência e da sociabilidade mais próxima dos amigos e parentes. Esses sujeitos também sabem que o urbano como lugar do consumo cobra um preço ao jovem mais pobre do rural. Vejamos a conversa entre três moças no grupo de discussão (sessão 4, em Silva, 2014, p.186):

– Eu quero sair pra ganhar meu próprio dinheiro, sair da asas dos meus pais, ser mais responsável, quero ter minha vida própria, sem a opinião deles. Eu posso quebrar minha cara total, mas aí eu vou tentando (moça 1);

– Mas você poderia morar sozinha, e ter sua própria vida se fizesse um puxadinho na propriedade só pra você (mediador do grupo de discussão);

– Mas eu não quero isso aqui não (moça 1);

– Aqui na roça é muito difícil, num tem um lugar a noite pra você ir, de noite você num vê nem um amigo seu, você mora longe das pessoa que é amigo seu mermo. A vida é muito chata, então é melhor ir pra cidade (moça 2).

– Na cidade, também num é fácil não. Por exemplo, tudo o que você come, tudo é plantado aqui mesmo. E lá fora você é que vai comprar (moça 3);

– Você vai trabalhar, mas você vai ter que comprar também, né. Vai ganhar mas vai gastar também! (moça 2).

O relato da moça 1 se assemelha ao relato dos jovens pernambucanos, quando ela afirma que “*Eu posso quebrar minha cara total, mas aí eu vou tentando [...]. Mas eu não quero isso aqui não*”. Mesmo consciente dos limites que o urbano impõe, esses jovens parecem querer saber qual o propósito dessa urbanidade. Há o desejo pela profissão urbana, pelas médias cidades na região (como estratégia de proximidade com os parentes no rural), bem como a vontade de continuar os estudos. A conversa foi registrada na sessão 4, em Silva (2014, p.193-194):

- Eu vou ser policial! (rapaz 1);
- Vou pra Viçosa, Rio Branco, ficar por aqui mermo [em pequenas cidades próximas] (rapaz 2);
- Por essa região mermo. Viçosa, Ubá... (rapaz 3);
- Eu não. Vou pra Muriaé, Ubá (rapaz 1);
- Universidade, né. Vou tentar a área que eu me formar (rapaz 4).

As redes sociais pelo celular assumem o lugar das cartas e dos telefonemas, na medida em que eles podem se expressar ao outro na cidade. Na sequência, a seguir (registrada na sessão 4, em Silva, 2014, p.196), os jovens falam dos usos de uma rede social. A última frase, da moça 2, resume as intenções de uso da rede social como forma de administrar a migração para o urbano:

- Sim. Eu vejo todo o dia o *Facebook* (moça 1);
- E o que você posta lá? (mediador do grupo de discussão);
- Eu posto algumas mensaginha bonita, sabe? Curto alguma coisa, adiciono, só isso (moça 1);
- E suas amizades de onde são? (mediador);
- De vários lugares fora daqui. Eu tinha uma amiga que foi pra Tocantins [pequena cidade das proximidades], então agora eu converso com ela pelo *Facebook*. Num tem jeito de ligar pra ela mais, aí eu converso com ela pelo *Facebook* (moça 1);
- E você? (mediador);
- É de fora (os amigos no *Facebook*) e os daqui eu comento as coisa que posta, né? (rapaz 1);
- Eu entro *Facebook* só pra curtir e conversar com os outro (moça 1);
- Você conversa com gente que já foi embora... conectado com as coisa (moça 2).

Conclusão

Existe uma primeira fase de fascínio pela cidade, quando não existiam notícias do “novo mundo”. Aos poucos, as mediações das cartas, dos telefonemas e dos contatos pessoais tornaram elementos da cidade identificados com o jovem no rural. Quando em um dos relatos fala-se sobre o lugar de destino da migração como uma “vidazinha popular” o depoente sinaliza uma cultura

da periferia das cidades. Isto nos faz pensar sobre os lugares do urbano que servem como referência aos migrantes, notadamente as vilas e os bairros periféricos onde moram familiares e amigos, lugar imaginado como estando ao alcance de suas condições econômicas e sociais. Podemos destacar, portanto, que na representação desses jovens sobre a cidade são importantes os aspectos culturais relacionados com a periferia, um lugar popular na cidade⁴.

A juventude pesquisada apresentou motivações culturais e simbólicas semelhantes, mesmo em diferentes contextos e tempos. Isto mostra que a tradição de migrar para o urbano continua presente e influente entre esses jovens, nas famílias, na comunidade rural. Com a circulação de informações e a reverberação daquilo no urbano, nas mídias que chamava mais a atenção dos jovens, desenvolveu-se certa desconfiança em relação à vida na cidade: no passado consolidada como lugar de melhoria de vida, hoje visto como lugar da violência contra o jovem.

Por fim, observamos pelos relatos a necessidade de futuras pesquisas que aprofundem o declínio das clássicas mediações dos mensageiros de cartas no rural, que cedeu espaço à mediação das narrativas da cidade pelas mídias de massa e *online*. A cidade vista ao vivo nas telas e comentada em tempo real pelas redes sociais produzem narrativas da experiência na cidade, seus valores e costumes contemporâneos. O relato da experiência daquele que migrou não trabalha sozinho, mas sim junto com os relatos mediados pelo vídeo e por uma produção midiática em torno da vida urbana.

***Communicative practices and urban representations
by young people from rural Brazilian contexts***

Abstract

This text aims to present how the communicative practices of youth from poor rural Brazilian contexts configured a way of dealing with the city representation in different regions, considering the urban universes that serve them as reference. Observing the literature on internal migrations, few were the advances in relation to a cultural and symbolic perspective involved in

⁴ O número de áreas urbanas desenvolvidas no Brasil se multiplicou nas últimas décadas, tornando complexa tanto a definição de rural como de cidade. Espaços urbanizados em distritos rurais e pequenas cidades do interior diferem da noção de urbanidade de outras cidades. Para o IBGE, qualquer área urbanizada seria caracterizada como zona urbana e seus moradores classificados como urbanos, mesmo que preservem fortes vínculos rurais. Observa-se nestas minúsculas cidades e distritos rurais uma forte presença e influência de atividades primárias (coleta, caça, agricultura, plantio) que convivem com uma atividade de serviços tipicamente urbanos. Essas pequenas cidades se diferem das médias e grandes cidades e, principalmente, das cidades situadas em extensas regiões metropolitanas. Para alcançarmos os elementos que individualizam uma cidade em relação às outras seria preciso distinguir, de início, cada região do viver urbano em suas características geográficas: em cada média cidade afastada dos grandes centros urbanos, em cada cidadezinha do interior.

the subject of rural-urban migration, as well as of these communicative practices in the constitution of the city notion. Using circulation and mediation notions, it is tried to demonstrate that, for decades, the communicative practices fomented city representations. We present reports collected in different time and space, which show us the rural youth speeches of the past and the present. It identifies the need for researches that understand how mass and online media narratives stimulate the city representation among youth in the rural, especially the city seen live and in real time by video.

Keywords: Representation. Mediation. Communicative Practice. Rural Youth.

Referências

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einandi. Portugal: Casa da Moeda, 1985. v. 5 , p. 309.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1973, 250 p.

FAUSTO NETO, Antonio. Bordas da circulação. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v.10, n. 20, p.55-69, jan./jun. 2010.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, comunicações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.L.F. (Org.). **Comunicação, Representação e Práticas Sociais**. Rio de Janeiro: PUC, 2004, p.13-26.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, 93 p.

GERMANI, Gino. **Sociologia de la modernization**. Buenos Aires: Paidós, 1970. cap. IV, VI e VII.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991, 230 p.

MARTINS, Jose de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples – Cotidiano e História na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec, 2000, 205 p.

RIBEIRO, Luis César de Queiroz; PECHMAN, Roberto. **Cidade, povo e nação**: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, 454 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1978.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes. *Uma tradução simbólica da metrópole: imagem e discurso dos jovens do contexto popular rural sobre São Paulo e suas inter-relações comunicativas com seus parentes: o caso da vila rural de São Domingos, sertão de Pernambuco*. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes. *Juventude em trânsito: atravessamento de sentidos e narrativas televisivas no meio rural*. 2014. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Sociabilidade) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

JODELET, Denise. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. Citada por SPINK, Mary Jane (Org.) **O conhecimento do cotidiano – as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade – Na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

